

SOBRE MEMÓRIAS E LUGARES: A Cartografia Afetiva na Obra *Fim*, de Fernanda Torres

*ON MEMORIES AND PLACES: The Affective Cartography in *Fim*, from Fernanda Torres*

Doroteia Carneiro dos Santos¹(UESC)

Claudio do Carmo Gonçalves² (UNEB/UESC)

Resumo: O presente artigo versa sobre a relação entre memória e lugar analisados no enredo da narrativa **Fim** da escritora Fernanda Torres. Para tanto, considera-se que tanto a memória quanto o lugar são indissociáveis, pois não há como evocar uma imagem passada sem trazer com ela o lugar. Dessa forma, utiliza-se aqui a expressão cartografia afetiva da memória para referir-se aos mapas dos lugares transitados e arquivados na memória.

Palavras-chave: Memória. Lugar. Cartografia afetiva.

Abstract: The present article is about the relation between memory and place analyzed in the plot of the narrative **Fim** of the writer Fernanda Torres. For that, it is considered that both memory and place are inseparable, because there is no way to evoke a past image without bringing the place with it. Thus, the term affective cartography of memory is used here to refer to the maps of places transited and stored in memory.

Keywords: Memory. Place. Cartography affective.

Introdução

A relação entre memória e lugares é estreita, pois não há como evocar eventos passados sem que venham junto com eles os lugares a partir dos quais essas memórias foram construídas e vivenciadas. No presente estudo, o liame entre essas categorias é exemplificado com base na análise do romance **Fim** (TORRES, 2013), pois as experiências dos personagens foram gravadas e arquivadas em suas memórias em consonância com os lugares que proporcionaram a vivência delas, tendo como cenário a cidade do Rio de Janeiro.

¹ Mestra em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Docente da Educação Básica no município de Ilhéus. Professora articuladora no município de Arataca. E-mail: doroteiacarneiro@bol.com.br

² Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Mestrado em Linguagens e Representações da UESC. E-mail: claudiocarmog@gmail.com

SANTOS, Doroteia Carneiro dos; GONÇALVES, Claudio do Carmo. Sobre memórias e lugares: a cartografia afetiva na obra *Fim*, de Fernanda Torres.

Fim, narrativa da escritora Fernanda Torres, traz em seu enredo a história de cinco amigos (Ciro, Neto, Sílvio, Álvaro e Ribeiro) que se conheceram durante a juventude. O grupo formou-se e firmou-se na cidade do Rio de Janeiro em especial em Copacabana na década de sessenta. Na juventude, esse bairro serviu como cenário para que as relações fossem estabelecidas e a identidade do grupo se firmasse. Copacabana é conferida como lugar porque nele foi atribuído o sentido por conta das experiências compartilhadas.

Com a passagem dos anos esse convívio deixou de existir, restando apenas a rememoração solitária desse período juvenil. Essa rememoração traz junto os espaços transitados e transformados em lugar por conta da ocupação e do convívio.

Os espaços transitados na obra servem como base para as imagens depositadas neles. Estas são evocadas por meio do processo memorativo (codificação, armazenamento e recuperação), o que possibilita trazer para o presente o passado, atualizando-o. Portanto, as discussões empreendidas nesse artigo trazem como tema central a memória e a sua relação com os lugares e o uso do termo Cartografia afetiva da memória referindo-se aos mapas mentais.

1. Mnemotécnica: Arte da memória entre os gregos e a sua relação com os espaços transitados pela memória em *Fim*.

A memória é a faculdade humana que nos permite armazenar de forma seletiva o que foi vivenciado no passado além de nos permitir evocar essas imagens no tempo presente sempre que houver necessidade. Junto com as imagens são trazidos também os lugares transitados fortalecendo assim a ideia de que não há como se lembrar de algo vivido sem trazer junto a essa lembrança os lugares habitados.

No que diz respeito à relação entre memória e lugar, podemos nos apoiar nos estudos da memória dentro da mitologia grega, os quais trazem como fonte de pesquisa os aportes teórico-críticos de Vernant (1990). O autor apresenta a função da memória na aurora da civilização grega representada por Mnemosyne. Essa divindade do panteão grego tinha o poder de possuir os corpos dos poetas, conferindo-lhes a visão do tempo passado e libertando-os dos males do presente. Ela presidia a função poética e, por isso, acreditava-se que o poeta era uma espécie de veículo para a ação divina – já que era possuído pelas musas. Intérprete de Mnemosyne,

SANTOS, Doroteia Carneiro dos; GONÇALVES, Claudio do Carmo. Sobre memórias e lugares: a cartografia afetiva na obra *Fim*, de Fernanda Torres.

era conduzido do presente para os acontecimentos antigos. Desse modo, treinava, recitando trechos longos para que decorasse os versos. Como a memória é transitória, então havia necessidade da elaboração de técnicas, o que criava uma memória artificial.

Segundo Vernant (1990) a memória aciona um conjunto de operações mentais complexas e o domínio destas exige esforço, treinamento e exercício, uma verdadeira conquista. Esse fato justifica a divinização da memória e o uso da mnemotécnica ao longo dos tempos. Os gregos inventaram a arte da memória baseados na mnemotécnica, a qual tinha como base a impressão de lugares e imagens na memória. Isto é, pela recordação de pontos de referência para o que se deseja memorizar, a exemplo do que foi feito pelo poeta grego Simônides de Ceos³ no final de uma festa oferecida por um rico mecenas, quando foi convidado a pronunciar um elogio a um atleta.

Durante um banquete oferecido por um nobre da Tessália chamado Scopas, o poeta Simônides de Ceos entoou um poema lírico em honra de seu anfitrião, mas incluiu uma passagem em louvor a Castor e Pólux. De forma mesquinha, Scopas disse ao poeta que só pagaria a metade da soma combinada pelo panegírico e que ele cobrasse a diferença dos deuses gêmeos, a quem havia dedicado a metade do poema. Um pouco mais tarde, Simônides foi avisado de que dois jovens o aguardavam do lado de fora, para falar com ele. Retirou-se do banquete mas não encontrou ninguém. Durante sua ausência, o teto do salão desabou, matando Scopas e todos os convidados sob os escombros; os corpos estavam tão deformados que os parentes que vieram reconhecê-los para cumprir os funerais não conseguiram identificá-los. Mas Simônides recordava-se dos lugares dos convidados à mesa e assim pôde indicar aos parentes quais eram os seus mortos. Castor e Pólux, os jovens invisíveis que haviam chamado Simônides, haviam pagado generosamente sua parte do panegírico, tirando-o do banquete pouco antes do desabamento. E essa experiência sugeriu ao poeta os princípios da arte da memória, da qual se diz ser o inventor (YATES, 2007, p. 17-18).

Simônides foi capaz de identificar os mortos conforme sua localização nos lugares em que estavam na festa. Ao perceber que a lembrança dos lugares onde os convidados estavam sentados contribuiu para a identificação dos corpos, ele entendeu que, para treinar a memória, tinha que escolher lugares e criar imagens mentais dos objetos a serem lembrados. As imagens desses objetos devem ser guardadas nesses lugares obedecendo a uma mesma sequência. Dessa forma, a impressão dos lugares na memória é, segundo Yates (2007), um dos princípios da mnemônica. A evocação dos rostos dessas pessoas feita por Simônides

³Há distinção entre Yates e Ricoeur quanto ao sobrenome do poeta Simônides. A primeira cita *Ceos* e o segundo *Queos*, no entanto, optamos nesse artigo pela forma de Yates (2007).

SANTOS, Doroteia Carneiro dos; GONÇALVES, Claudio do Carmo. Sobre memórias e lugares: a cartografia afetiva na obra *Fim*, de Fernanda Torres.

configura a arte da memória transmitida pelos gregos aos romanos, cuja base está em associar imagens e lugares.

Conforme Yates (2007) há dois tipos de memória: a natural e a artificial. A primeira refere-se à memória que é inserida em nossa mente concomitante ao pensamento. Em contrapartida, a segunda é reforçada e consolidada através do treinamento, fundamentada em lugares e imagens. O lugar é facilmente apreendido pela memória e as imagens são uma espécie de simulacro daquilo que queremos lembrar. Assim, entendemos que, para lembrarmos de algo, é necessário colocar as imagens em lugares definidos da seguinte forma:

É essencial que esses lugares formem uma série e sejam lembrados em uma ordem determinada, de modo que se possa partir de qualquer *locus* da série e avançar e retroceder a partir dele. Se virmos um certo número de nossos conhecidos em fila, não fará diferença para nós se dissermos seus nomes começando com o primeiro, o do meio ou o último da fila. Assim também o é com os *loci* da memória. ‘Se os colocarmos em ordem, o resultado será que, ao relembrarmos algo por meio das imagens, poderemos repetir oralmente o que registramos nos *loci*, partindo do *locus* que quisermos para qualquer direção’ (YATES, 2007, p. 23 – grifo do autor).

A imagem depositada em um *locus* desaparece, mas este permanece, podendo ser reutilizado e impresso nele novas imagens. Yates (2007) faz referência a regras tanto para os lugares quanto para as imagens. As diretrizes, para os lugares, são as seguintes: imprimir um signo diferente a cada *locus* para que não haja enganos; o *locus* deve ser impresso em um lugar deserto e solitário, porque a imagem de muitas pessoas circulando enfraquece as impressões; Os *loci* da memória não devem ser parecidos para não confundir; devem ter tamanhos e iluminação adequados, distanciando-se aproximadamente uns nove metros. Esclarecido o método, analisaremos agora um trecho de **Fim** à luz dessa teoria:

Vaguei pela Ouvidor, Cinelândia, e fiz sinal para um táxi quase chegando ao Aterro. Princesa Isabel, ordenei. Saltei no Frank’s Bar. Sentei no sofá do fundo, duas meninas nuas se contorciam no palco, pedi um uísque e me deixei estar. Era livre. Uma garota pediu licença para sentar, preferi ficar a sós, ela deu meia-volta e foi para mesa perto do palco, onde um barbudo bebia um campari. As strippers terminaram o número e um casal entrou em cena segurando um lençol desbotado. Deixei uma nota de mil na mesinha, levantei e saí da boate inquieto. Bendito fumacê dos carros. Corri até o orelhão e liguei para o Sílvio (FIM, p. 164).

SANTOS, Doroteia Carneiro dos; GONÇALVES, Claudio do Carmo. Sobre memórias e lugares: a cartografia afetiva na obra *Fim*, de Fernanda Torres.

A imagem do Frank's Bar evocada por Ciro obedece a uma ordem, na qual, a partir do momento em que guardou os lugares, pôde relacionar as imagens das pessoas que viu nesse dia. Por exemplo: no sofá dos fundos, sentou-se e de lá avistou as duas meninas que dançavam no palco, lembrou que uma moça pediu para sentar-se a seu lado e, como ele recusou, esta se sentou numa mesa próxima ao palco.

Certamente, Ciro não utilizou a memória com mesma intenção de um poeta grego, mas essa evocação, ainda que desprovida do título de *Arte da memória*, nos permite comprovar que não há como trazer para o presente as imagens das experiências de outrora sem que venham junto os lugares ocupados pelo corpo. Desse modo, Ciro foi capaz de rememorar todo o trajeto desse dia com detalhes do lugar que transitou. Lembrou que, ao sair do bar, se dirigiu a um orelhão, ligou para Sílvia e marcaram de se encontrar no Antonio's, para onde se dirigiu logo em seguida. Notamos que há uma sequência de lugares e, a partir destes, as imagens são lembradas.

Repensar a *arte da memória* numa sociedade em que há a escrita e a imprensa, talvez não tenha tanta importância quanto havia para as sociedades orais, nas quais os guardadores de memória tinham um papel fundamental. Na contemporaneidade, a mnemotécnica vem, de certo modo, perdendo espaço, haja vista O predomínio das memórias artificiais, armazenadas em objetos específicos para guardar arquivos, como os *pendrives* ou *hds*, e mesmo os *tablets* e *smartphones*. No entanto, a relação estabelecida entre imagem e lugar, ou melhor, a permanência do lugar como uma tábua de cera e das imagens como inscrições sobre elas, permitem aos personagens de **Fim** nos contar suas histórias, tecendo as linhas deste enredo e nos convidando a transitar ao mesmo tempo pelos lugares de memória e pelos lugares inscritos geograficamente (de modo físico).

Os lugares percorridos têm como guia os cinco personagens principais – Álvaro, Neto, Ciro, Ribeiro e Sílvia – que nos apresentam não uma memória artificial, revestida de cuidados especiais e de técnicas, mas sim uma memória natural, em cujos lugares estão a seleção de imagens da vida destes personagens sem manipulação. Isso porque, neste caso, a memória é seletiva e, segundo Pollak (1992), nem tudo fica gravado e/ou nem registrado.

2. O Lugar Como Constituição Identitária da Memória

A memória é uma representação seletiva do passado de um indivíduo, inserido em um grupo social, cujo acontecimento se dá por meio de imagens mentais das experiências compartilhadas em um determinado espaço físico. Este, ocupado pelo corpo, passa a fazer sentido para o sujeito, pois é nele que as relações são estabelecidas e, conseqüentemente, fortalecem o sentimento de pertença tanto individual quanto coletiva.

Inicialmente partiremos da definição de lugar e espaço. Ainda que ambos sejam entendidos como sinônimos, por pertencerem ao mesmo campo semântico, apresentam significados distintos, mas sem se oporem. As diferenças nas definições dessas palavras não os desvinculam, ao contrário, só os aproximam.

Para Tuan (1983), os lugares são centros que atribuímos valor e nos quais são satisfeitas nossas necessidades biológicas. Já o espaço, por ser aberto, não apresenta padrões estabelecidos que revelem algo, mas neles podem ser impressos significados. Quando isso acontece, o tornamos fechado e humanizado, passando assim a adquirir a categoria de lugar. Dito de outro modo, um espaço torna-se lugar quando o ocupamos corporalmente, quando nos apropriamos dele afetivamente através das relações humanas e da experiência.

A experiência é constituída de sentimento e pensamento. O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mas precisamente a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida do pensamento. É uma tendência comum referir-se ao sentimento e pensamento como opostos, um registrando estados subjetivos, o outro reportando-se à realidade objetiva. De fato, estão próximos às duas extremidades de um *continuum* experimental, e ambos são maneiras de conhecer (TUAN, 1983, p. 17 – grifo do autor).

A experiência é aprendizado e significa que aprendemos a partir da própria vivência e da nossa atuação sobre os objetos que nos rodeiam, como no caso dos espaços. Isso porque o homem pode relacionar-se afetivamente com eles, ocupando-os e movimentando-se neles. Desse modo, os espaços, centrados nesse sujeito que se locomove, assumem então uma organização coordenada, ainda que seja sem analisar muito essa ação por meio da memória-

SANTOS, Doroteia Carneiro dos; GONÇALVES, Claudio do Carmo. Sobre memórias e lugares: a cartografia afetiva na obra *Fim*, de Fernanda Torres.

hábito. A partir das experiências sensório-motoras, os homens criam não só a noção de espaço físico, geométrico, como também mapas mentais, o que torna esse espaço familiar num lugar.

Ao usarmos um espaço, atribuímos o sentimento de pertença através de ações do passado em consonância com o presente. Assim, nesse espaço geográfico são enraizadas as memórias e firmada a identidade local ou regional. Segundo Carlos (2007), o lugar abre perspectiva para se pensar o viver e o habitat, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço quando as relações desenvolvidas subsidiam a construção de uma ou mais identidades. Dessa maneira, o lugar conserva o seu significado e as vivências cotidianas apreendidas pela memória através da percepção e do próprio corpo.

As inter-relações estabelecidas entre o indivíduo e os espaços habitados são fortalecidas diariamente, pois o lugar é a parcela do espaço apropriada corporalmente para a vida. Nesse pensamento inclui-se a rua, o bairro, uma praça ou cidades muito pequenas. Destarte, um lugar que é ocupado por um indivíduo ou um grupo registra nele marcas e reforça a convicção de que são nos ditos *lugares de memória* que buscamos indícios da nossa identidade. Por isso, toda memória coletiva se conserva no espaço e torna-se o marco da memória.

O ato de recordar requer, além da lembrança e da criação de imagens mnemônicas, a organização destas nos lugares de memória. Isto é, as imagens mentais preenchem esses lugares como se fosse um papel em branco, pronto para ser registrado nele as marcas da memória. Uma rua ou bairro é alcançado pela memória, mas as imagens desses lugares formam uma representação aproximada do real e permanecem nessa espécie de arquivo podendo ser acessados sempre que preciso. O lugar serve como estímulo para a rememoração do que foi. No entanto, a rememoração dependerá apenas da forma como esse indivíduo interpreta essa vivência, pois está atrelada à percepção.

Os espaços são habitados e neles são estabelecidas relações humanas que se transformam em lugares, conforme dito anteriormente. Em seguida, esses lugares são representados através de imagens mentais, elevando-os à categoria de *lugares de memória*. Essa expressão é conceituada por Pierre Nora (1981, p. 21) da seguinte forma:

SANTOS, Doroteia Carneiro dos; GONÇALVES, Claudio do Carmo. Sobre memórias e lugares: a cartografia afetiva na obra *Fim*, de Fernanda Torres.

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica.

Lugares de memória, então, seriam os locais materiais e imateriais, nos quais são enraizadas as memórias e, conforme assevera Nora (1981), revestidos de uma aura simbólica. Em consonância a esse conceito, é importante elucidar que, no presente artigo, aplicamos a teoria *lugares de memória* aos espaços urbanos e sua inscrição na memória, servindo como suporte para a conformação de imagens do Rio de Janeiro no livro **Fim**, de autoria de Fernanda Torres.

A relação desses lugares com a memória é muito próxima, visto que este serve como suporte da primeira, pois tem a função de deflagrar imagens, sentimentos e as experiências vivenciadas individualmente ou em grupo. O reviver de tais lembranças gera um sentimento de pertença e de identidade local. Seria uma tomada de consciência e representação de si e do grupo que faz parte. Para o teórico Pierre Nora (1981, p. 7) são nos lugares que “a memória se cristaliza e se refugia”, cujos interstícios refratam simbolicamente um povo ou grupo, pois se reconhecem e se identificam enquanto coletividade que mantém um elo também afetivo com o entorno geográfico. Isso porque os indivíduos não criam identidades de forma independente, posto que fazem parte duma sociedade e, por isso, se inter-relacionam e, assim, compõem um conjunto de lembranças comuns ao grupo, as quais retomam as relações estabelecidas no passado e localizam-se no tempo e espaço. O primeiro transmite a imagem da mudança enquanto o segundo, por sua vez, a da constância.

Quando evocamos as lembranças do passado evocam-se também os lugares em que foram vivenciadas essas experiências, pois ao rememorarmos promovemos a narração dos espaços. Disso decorre a visão da memória como canal condutor das experiências do passado para o tempo presente. Do mesmo modo, junto à condução das experiências, vêm à tona os lugares em que essas vivências se estabeleceram, traçando assim um mapa, ainda que mental, desse espaço físico outrora transitado/vivido.

Os lugares transitados tornam-se um caminho para as lembranças do passado, pois ficam presas neles. Dessa maneira, lembrar desses lugares é refazer o percurso cartográfico por uma espécie de mapa afetivo da experiência individual ou coletiva, ou seja, quando a

SANTOS, Doroteia Carneiro dos; GONÇALVES, Claudio do Carmo. Sobre memórias e lugares: a cartografia afetiva na obra *Fim*, de Fernanda Torres.

memória se relaciona a lugares, temos a imagem mental deles. Essa cartografia mental é definida por Horta (2008, p. 113) da seguinte forma:

A cartografia mental, que corresponde aos mapas mentais existentes no pensamento, pode explicar o processo operacional de estabelecer conexões entre as diferentes vivências, imagens e memórias gravadas no cérebro, de forma desorganizada (como nos aparecem nos sonhos, por exemplo), de acordo com a intenção e a emoção do momento em que o processo se inicia. Cartografia que funciona, metaforicamente, como um mapa em que se indicam os caminhos, estradas, vias aéreas, pontes, atalhos, pontos de referências.

Quando seguimos para algum lugar, seja de forma física ou mental, chegamos ao destino porque temos um mapa mental que nos direciona. Esse mapa é resultado da construção da vivência do indivíduo, através da leitura dos lugares e das paisagens. Para um profissional da área, esses elementos, aliados à técnica, permitem a criação de mapas, os quais auxiliam, por exemplo, na compreensão do lugar de experiências individuais ou coletivas. De modo simplificado, podemos dizer que, para um leigo na área, um mapa mental é a representação ativa de um lugar. Desse modo, quando é feito um esboço no papel, isso permite, além de perceber esse vínculo com o lugar, observar também a capacidade de organização espacial.

No caso da análise de **Fim** é possível traçarmos um mapa mental com base nos dados apresentados pelo discurso do personagem Neto no trecho a seguir. Entretanto, salientamos que não há a possibilidade de representarmos os sentimentos dele em relação ao lugar, pois o esboço desse mapa foi elaborado por um terceiro e, portanto, norteado pelos dados oferecidos pelo personagem.

Caminho pelo longo corredor de portas fechadas. Não gosto desse funil estreito, ele me lembra a bagunça, as toalhas pelo chão, as calcinhas dependuradas na torneira e a ausência deles, e dela. Dobro à direita no banheiro próximo ao quarto. Quando nos mudamos para esse apartamento, não se falava em suíte, varanda, play ou vaga de garagem. Os cômodos eram amplos e isso bastava. Vivíamos uns com os cheiros dos outros, os vapores, os restos de cabelo e as poças d'água [...]. Esqueço o mal-estar, a azia, a queimação, e saio pelo corredor. Escancaro as portas fechadas do quarto do Murilo, da Dalva, do escritório, entro na cozinha, na área de serviço, reviro a sala toda, nenhum sinal dela. Desabo na poltrona (FIM, p. 137-138).

Neto nos situa no espaço físico, nos direciona pelos cômodos da sua casa: corredor, quartos, banheiro, cozinha e área de serviço. Isso nos possibilita criar também um

SANTOS, Doroteia Carneiro dos; GONÇALVES, Claudio do Carmo. Sobre memórias e lugares: a cartografia afetiva na obra *Fim*, de Fernanda Torres.

mapa mental desse espaço ou até mesmo traçá-lo com lápis e papel, mesmo que de forma indireta.

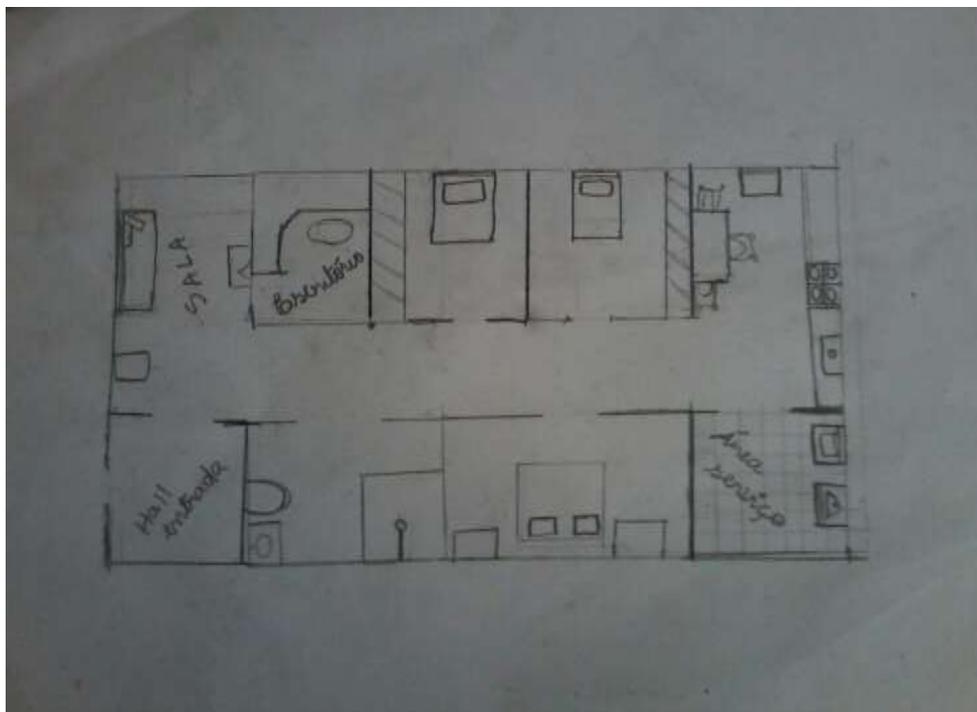


Figura 1 – Representação gráfica a partir de imagem mental elaborada com base na descrição do apartamento do personagem Neto (TORRES, 2013, p. 137-138).

Fonte: Arquivo pessoal.

Os mapas mentais são imagens espaciais criadas a partir de lugares conhecidos de forma direta ou indireta. Portanto, um mapa mental é resultante da consciência de um espaço gerado na mente humana, consequente das experiências no presente ou no passado. Em contrapartida, a criação dessas imagens não é apenas produto da vivência no espaço físico, mas também elaborada a partir do diálogo com outrem ou ainda pela leitura. Seria então uma imagem construída por um terceiro, a exemplo da representação gráfica com base no trecho de **Fim**, mencionado anteriormente.

Um mapa mental tem como funções comunicar informações do espaço, como meio de armazenar conhecimento sobre determinado lugar e grupo, conhecer lugares acessíveis com a reprodução de lugares reais e ainda serve como dispositivo de memória. Muito usado na técnica de memória utilizada pelas sociedades orais, pois servia como ponto de referência para colocar o que seria lembrado: eventos e pessoas, localizados em um determinado espaço. No presente trabalho, a mnemotécnica será tratada no segundo capítulo.

SANTOS, Doroteia Carneiro dos; GONÇALVES, Claudio do Carmo. Sobre memórias e lugares: a cartografia afetiva na obra *Fim*, de Fernanda Torres.

Retornando ao trecho apresentado acima de **Fim**, nele há uma descrição da intimidade: calcinhas dependuradas na torneira, toalhas pelo chão, restos de cabelos e cheiros. É o interior da casa, o lugar íntimo onde eram satisfeitas as necessidades desses moradores. Segundo Tuan (1983), o lugar é uma pausa no movimento, pois permite gerar a afeição pelo lugar através das experiências internas e, sendo íntimos, os lugares são pessoais, os quais ficam gravados na memória.

O referido espaço descrito na citação de **Fim** está carregado de marcas individuais e do grupo familiar. Para Halbwachs (2006, p. 157), “nossa casa, nossos móveis e a maneira como são arrumados, todo o arranjo das peças em que vivemos nos lembram nossa família e os amigos que vemos com frequência nesse contexto”. Dessa maneira, todos os objetos de decoração, móveis, cômodos de uma casa, rua e até um bairro nos recordam costumes e revelam o hábito e a classe de um grupo, sendo portadores de significados para os indivíduos que os possuem. A forma como escolhem e disponibilizam os objetos no espaço deixa claro o estilo e os hábitos de seus donos.

Os espaços vividos não são como uma tábua rasa que serve apenas de suporte às coisas ou para o desenvolvimento das atividades sociais, mas sim um espaço de afirmação, identificação no qual constam as histórias dos sujeitos. Logo, o espaço estrutura-se nas relações e nas experiências, firmado pelo valor afetivo que o sujeito atribui à rua, ao bairro ou à casa. Nos lugares são firmados a identidade de determinado local e o enraizamento das lembranças. Desse modo, os lugares e os objetos carregam marcas do que foi vivido no passado e, ao acessá-los, há a possibilidade de evocarmos episódios outrora vivenciados. Os lugares nos permitem, então, lembrarmos-nos de situações experienciadas nele, solidificarmos hábitos e, assim, se tornam fonte inesgotável de testemunhos vividos por grupos sociais.

Segundo Bosi (2003, p.16), “A memória se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto”. Destarte, os espaços ocupados e por onde temos o hábito de transitar ficam registrados em nossa memória, sendo possível reconstruí-los mentalmente sempre que necessário. É através desses lugares que evocamos as lembranças. Candau (2014, p.16), por sua vez, nos diz que “a memória ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada”. Nessa relação há também o encontro simultâneo entre memória e identidade, pois uma apoia-se na outra e constroem a trajetória de um indivíduo. Quando acessamos nossas lembranças, há um momento de negociação e reapropriação desse arquivo para, assim,

SANTOS, Doroteia Carneiro dos; GONÇALVES, Claudio do Carmo. Sobre memórias e lugares: a cartografia afetiva na obra *Fim*, de Fernanda Torres.

entendermos a sua individualidade, ainda que esteja inserido no coletivo. Dito de outro modo, a identidade se enraíza na memória.

As práticas e as relações sociais são fixadas no lugar criando, assim, a identidade. Isso porque servem de ancoragem para a manutenção de uma memória coletiva que, ao ser compartilhada nesses espaços, solidifica o grupo social e, por consequência, a identidade desse grupo. Sendo assim, não há separação entre lugar e identidade. Essas vivências originam as diversas imagens mnemônicas que, mesmo sendo diferentes, trazem como ponto comum a referência de lugar, o qual é constituído pela identidade dos indivíduos.

Considerações finais

Analisando as categorias memória e lugar, comprovamos algumas hipóteses que merecem destaque nessa parte final do artigo: o espaço é onde a memória se concretiza. Todas as imagens evocadas referentes ao passado dos personagens de **Fim** tiveram como base os lugares ocupados pelo corpo. Foram neles que as relações entre **Ciro**, **Álvaro**, **Ribeiro**, **Sílvio** e **Neto** se efetivaram.

O sentimento de afetividade que estabelecemos com os espaços permite que o indivíduo não só oriente-se espacialmente como também crie um mapa mental deste. Se os lugares são os espaços habitados, que atribuímos sentido, é nele que se encontram os indícios da nossa identidade.

A relação entre memória e os lugares é muito estreita, pois são neles que depositamos as imagens do que foi vivido. Ao representarmos esses lugares numa espécie de cartografia mental, teremos então um lugar de memória. Logo, os lugares são de suma importância principalmente para deflagrar as imagens de outrora, pois servem como suporte. Desde a antiguidade sabe-se que são nos lugares que a memória se concretiza e nessa relação memória-lugar, o poeta grego Simônides de Ceos foi o pioneiro a desenvolver a mnemotécnica. Essa arte da memória era muito utilizada como recurso de memorização e consistia em colocar sobre determinados lugares a sequência de imagens a serem lembradas. No caso de **Fim**, não há o uso dessa técnica mesmo porque na contemporaneidade, diante de tanto recurso de memória eletrônica, não haveria necessidade, se fosse o caso. Por outro lado, toda a narrativa é construída nesse binômio, ainda que superficial, entre memória e lugares.

SANTOS, Doroteia Carneiro dos; GONÇALVES, Claudio do Carmo. Sobre memórias e lugares: a cartografia afetiva na obra *Fim*, de Fernanda Torres.

Quando os personagens evocam as lembranças do passado trazem com essas imagens os lugares. Destarte, os lugares outrora transitados foram arquivados na memória gerando uma espécie de cartografia afetiva da memória. A perda do convívio do grupo na velhice só corrobora para a ideia de que o vínculo permanente é com os lugares e não com as pessoas. Em **Fim**, há uma supervalorização dos espaços, pois a afetividade está mais fortificada com os lugares do que com os pares. Desse modo, os lugares carregam as lembranças que são evocadas com o intuito de narrarem essa história e assim é compartilhada com o leitor.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. 1ª ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HORTA, Maria de Lurdes Parreiras. Os lugares da memória. In: _____. **Memória, Identidade e Patrimônio**. Salto para o Futuro/MEC/SEED/MEC. Brasília: 2008, p. 111-118.
- NORA, Pierre. Lugares-memória. Trad. Yara AunKhoury. **PROJETO HISTÓRIA**: Revista do Programa de Estudos de Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUCSP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) São Paulo, SP – Brasília, 1981, pp. 07-28.
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992.
- TORRES, Fernanda. **Fim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência (1930). Tradução Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983.
- VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Pensamento entre os gregos**: estudos de psicologia histórica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- YATES, Frances Amelia. **A arte da memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

Recebido em 30/09/2017

Aprovado em 21/12/2017